

ENSAIO

CÓDIGO SECRETO

1165

TÓPICO

D

NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER FORMA DE IDENTIFICAÇÃO! NÃO ESCREVA O SEU CÓDIGO SECRETO NOUTRO LOCAL DESTES ENSAIOS!

NÃO ALTERE O FORMATO DO TEXTO – Calibri 11, espaçamento 1,15, justificado. PODE USAR **NEGRITOS**, *ITALICOS* OU SUBLINHADOS.

Será uma má ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiências?

Quem não desejaria ter uma vida mais fácil, sem sofrimento, ser dor, só de prazer? E se pudéssemos simplesmente ligarmo-nos a uma máquina e fingir que estamos a sentir uma realidade prazerosa? Nozick apresenta-nos a máquina das experiências, que nos promete um mundo sem realidade, de ilusão e felicidade. Mas, por que é que a máquina de experiências importa? A verdade é que é possível, de certa maneira, criarmos a nossa própria máquina de experiências, é possível escolhermos uma vida de pouca ambição e prazeres simples, em que sentimos que todos os nossos desejos são satisfeitos, mas em que não alcançamos, na verdade, nada de valioso, para além do facto de a tecnologia e a ciência estarem a evoluir no sentido de ser possível este tipo de máquinas ser criado. Neste ensaio, vou defender que, mesmo que tenhamos essa possibilidade, que haja a promessa de uma máquina de experiências que nos permita viver uma realidade ilusória de prazer, não nos devemos ligar a ela, defendendo, entre outras ideias, a importância do livre-arbítrio e que existem outros valores mais importantes do que a felicidade e o prazer, nomeadamente a autorrealização e a contribuição real para a sociedade.

Contudo, primeiramente devo explicar como surgiu a experiência mental da máquina de experiências. Em oposição às éticas deontológicas, como a de Kant, existem as éticas consequencialistas, que dão maior ênfase às consequências de uma ação e não às intenções do agente. Jeremy Bentham desenvolveu uma teoria consequencialista, segundo a qual deveríamos realizar a ação que resultasse na maior felicidade de para todos os afetados pelas nossas ações. Bentham não distinguia prazeres inferiores e superiores, tinha uma visão meramente quantitativa da felicidade, sendo que esta apenas diferia em duração e intensidade. Como não será difícil de compreender, tal levou a que fosse criticado por poder conduzir ao sensualismo, isto é, ao defender que devemos sempre maximizar a felicidade geral, acaba por defender que devemos ter uma vida repleta de prazeres, mesmo que esvaziada de sentido; é preferível termos a vida de uma ostra, que não conhece dor nem sofrimento, à vida, por exemplo, de Haydn, com os seus obstáculos e infelicidades, mas que permitiu um grande sentimento de autorrealização e contribuiu significativamente para a sociedade, sendo preferível sermos um porco satisfeito do que um Sócrates infeliz. O filósofo inglês John Stuart Mill reformulou então a teoria de Bentham e distinguiu prazeres superiores de inferiores e argumentou que todos aqueles que tiveram contacto com os prazeres superiores, do domínio intelectual e espiritual, os preferiam a prazeres animais, assentando a sua ética utilitarista em três pressupostos, o

consequencialismo, a imparcialidade e o hedonismo. Através da criação da experiência mental da máquina de experiências, Robert Nozick criticou o hedonismo de Mill, demonstrando que a felicidade nem sempre é o que mais importa, que há outros valores aos quais damos importância, e, portanto, que as ações que geram o maior saldo de felicidade nem sempre são as moralmente corretas.

Por que será uma má ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiências? A meu ver, e de acordo com Susan Wolf, o que dá sentido à nossa vida não é a sensação de fazermos algo, mas é fazermos de facto algo, é a entrega ativa a projetos de valor que impactam a nossa vida e a dos outros. Com a máquina de experiências, poderíamos até ter a sensação de nos entregarmos a projetos de valor, poderíamos ter a sensação de que nos elegiam Miss Universo e conseguíamos acabar com a guerra e fome no mundo, poderíamos ter a sensação de estar a fazer voluntariado, de ensinarmos crianças, de sermos profissionais de saúde e salvar vidas, mas nada disso seria real. Na minha opinião, muito mais importante do que a sensação de autorrealização é a autorrealização em si mesma. Tal como preferimos que nos ensinem para que possamos fazer as tarefas por nós mesmos e sermos independentes a não fazermos nada e haver sempre alguém que faça tudo por nós, estando nós sempre dependentes de outros, preferimos ter de facto a nossa vida do que fingir que a temos e estarmos permanentemente dependentes de uma máquina de ilusões.

Em segundo lugar, todas as experiências prazerosas têm sempre uma componente de sofrimento e dor. Se nunca soubermos o que é ultrapassar dificuldades, como vamos depois dar valor às nossas conquistas, como sabemos o que é felicidade sem sabermos o que é infelicidade? Todos os valores encerram um contravalor, e, para sabermos o que é a felicidade, temos que experienciar alguma infelicidade, o que nos permite valorizar mais quando os nossos desejos são satisfeitos. Isto significa que a máquina das experiências, para nos proporcionar experiências aprazíveis, teria também que proporcionar elementos de desconforto e infelicidade para termos depois a sensação de sermos felizes. No enunciado, são apresentados os exemplos de escrever um grande romance, iniciar uma amizade ou viajar para a Islândia, mas todas essas atividades não são só felicidade e alegria. Escrever pode ser um processo moroso, exasperante, que leva o escritor ao limite, mas ele não preferiria não o escrever, as amizades mais sólidas e íntimas são, por vezes, aquelas em que os amigos passaram juntos por dificuldades, e as viagens contêm sempre peripécias que no momento parecem ser irresolvíveis, mas que acabam por ser aquilo que dá um gosto especial, um prazer inigualável à viagem. Destarte, as experiências na máquina de experiências teriam que conter também momentos de dor, sofrimento e desconforto para que os momentos de felicidade fossem mais valiosos e toda a experiência parecesse de facto real. Mas, se assim for, se quer nos liguemos quer não nos liguemos à máquina de experiências, teremos dor, sofrimento, prazer e felicidade, qual a vantagem em nos ligarmos, como pode ser preferível à nossa vida? Não consigo imaginar como pode. Pergunto agora qual a necessidade de nos ligarmos a uma máquina de experiências quando temos na nossa vida formas de escaparmos brevemente à realidade e sermos felizes mentalmente longe dos problemas do dia-a-dia sem colocarmos em risco o nosso livre-arbítrio, a autorrealização e a nossa humanidade. Todos podemos criar arte, a maneira última de, paradoxalmente, fugirmos a nós mesmos e nos reencontrarmos com o nosso “eu” mais profundo, *deep self* como Wolf designa, com os nossos

valores, com a nossa essência, com quem somos. Quereríamos perder tudo isto por uma máquina de experiências? Duvido seriamente que qualquer pessoa racional e emocional o fizesse.

Adicionalmente, ligarmo-nos à máquina de experiências é ficarmos presos no tempo e ficamos impedidos de ter oportunidades que contribuam para o nosso desenvolvimento pessoal. Se planeamos de antemão as experiências da nossa vida, então há um momento em que decidimos suspender a nossa vida verdadeira para nos imergirmos numa ilusória. Talvez um exemplo ajude a ilustrar esta ideia. Imaginemos que o João tem catorze anos e decide ligar-se à máquina das experiências. O João de 14 anos apenas se interessa por jogar videojogos e por estar com os seus amigos. É altamente provável que o João pense que vai querer estar toda a sua vida a jogar videojogos e a divertir-se com os seus amigos. Assim, a partir do momento em que o João se liga à máquina de experiências, tudo o que ele experiencia é jogar videojogos e estar com os seus amigos, e passam-se anos, e entretanto o João é um idoso que apenas faz isso; aliás, nem isso faz, apenas tem essa sensação. Que valor tem esta vida? Com certeza que, se o João continuasse com a sua vida normal e real, teria desenvolvido outros gostos e interesses e perdido outros, as experiências que teria tido, com todos os seus obstáculos e conquistas, teriam contribuído para o desenvolvimento pessoal do João, que ficou até à sua morte imortalizado na sua pessoa adolescente. E será isso mau de todo? É mau que fiquemos parados no tempo? Sim, porque se não nos desenvolvermos e vivermos a nossa vida é como se não só o mundo exterior desaparecesse, mas como se nós próprios desaparecêssemos. Como nota Nozick, não poderíamos ser “um certo tipo de pessoa”, não seríamos ninguém. Deixaríamos de ser pessoas para passar a ser “um borrão indeterminado”. A arte, as nossas crenças, o conhecimento, a ética, não fariam sentido, deixariam de existir. Não poderíamos ser corajosos, inteligentes ou afetuosos porque nunca teríamos oportunidade para tomarmos ações que demonstrassem o nosso caráter, e todo o tipo de ética, desde Kant a Mill, à ética das virtudes e à ética do cuidado, deixariam de fazer sentido, porque a nossa vida não faria sentido, e não faria sentido porque seria inexistente.

E o que aconteceria se nos ligássemos todos à máquina de experiências? A civilização, ou melhor, a Humanidade, colapsaria. Renunciariamos à vida pela ilusão, nenhuma interação seria real, a vida deixaria de ter sentido, se é que alguma vez o teve. Fora toda essa parte poética, podemos ter contra a máquina de experiências preocupações de ordem pragmática. Primeiro, a máquina teria que ser simples o suficiente para que uma pessoa sozinha se pudesse ligar a ela, para que a última pessoa a deixar a sua vida real pudesse embarcar na vida ilusória, mas é provável que isso não seja muito difícil de fazer. Segundo, se estamos a “flutuar num tanque de realidade virtual com elétrodos ligados ao cérebro” para sempre, o que acontece quando o nosso corpo precisar de cuidados médicos? Sem dúvida que estar na mesma posição durante anos causará lesões no nosso corpo, e morreremos alguma vez ou a imortalidade passa a estar ao nosso alcance? Se estivermos todos ligados a uma máquina de experiências, não haverá profissionais de saúde para cuidar do nosso corpo, e muito forte terá que ser a realidade virtual para conseguirmos ignorar o nosso corpo. E o que se aplica ao corpo, aplica-se à máquina, que poderá precisar de manutenção e não haverá ninguém para fazer a sua manutenção. Seria essa a nossa morte se não tivéssemos já morrido quando nos ligámos à máquina de experiências. E se, por

um motivo técnico, os elétrodos ligados ao cérebro se desligassem ou desprendessem? Creio que acordaríamos para uma angústia tal que desejaríamos não ter saído da ilusão, mas, passado algum tempo de reflexão, se é que ainda possuíssemos essa capacidade, desejaríamos nunca nos termos ligado à máquina de experiências. Há também a questão de que ligarmo-nos todos à máquina de experiências resultaria na extinção da espécie humana, uma vez que tudo seria ilusório e é necessária uma interação real para garantir a continuação da espécie. Por fim, e se nos arrependêssemos? Nozick sublinha que é uma decisão irreversível, que uma vez ligados, não nos poderíamos desligar. Sabemos bem que temos caprichos voláteis, que num momento poderíamos desejar ligarmo-nos à máquina das experiências, mas posteriormente poderemos preferir a nossa vida. Poderá ser que esta dificuldade pudesse ser ultrapassada de modo semelhante com o que acontece com a eutanásia, em que, na vasta maioria dos países em que é permitida, é exigido que a mente da pessoa que deseja a eutanásia esteja clara e lúcida no momento da decisão, que haja um período para reflexão e que a pessoa possa parar o processo a qualquer momento. Porém, talvez todas estas objeções de ordem prática possam ser ultrapassadas e aquilo a que me referi com “parte poética”, a perda de Humanidade, seja realmente o mais importante, como acredito que seja.

Ligarmo-nos à máquina de experiências implicaria planearmos toda a nossa vida para depois não a vivermos, decidirmos quem queremos ser para depois não o sermos, seria criar sonhos e projetos para nos suicidarmos logo a seguir. Por vezes, as maiores felicidades da vida estão no imprevisível, nas surpresas, nos acasos, e ao planearmos tudo, já não haveriam surpresas para nós; para os crentes num deus teísta, seríamos os nossos próprios deuses, oniscientes e onipotentes, cientes de tudo o que vamos experienciar e capazes de ter todas as sensações. Ligarmo-nos à máquina seria renunciar ao livre-arbítrio. Se o leitor for defensor do determinismo radical, poderá estar a rir-se neste momento. Afinal, ligarmo-nos à máquina de experiências ou não é a mesma coisa, e há possibilidade de estarmos nós neste momento ligados a uma máquina deste tipo sem o sabermos. Como assim? Se vivemos num Universo determinista e o determinismo é incompatível com o livre-arbítrio, todas as nossas ações são causadas e não livres, e alguém que saiba tudo sobre o mundo neste preciso momento, consegue saber tudo o que acontecerá em qualquer momento do futuro. Deste modo, ligarmo-nos à máquina de experiências é apenas uma forma de termos conhecimento sobre tudo o que acontecerá nas nossas “vidas”, entre aspas, porque não é uma vida real. É retirarmo-nos a nós mesmos voluntariamente o livre-arbítrio para ficarmos à mercê de uma máquina, para todas as nossas sensações serem causadas por uma máquina. Mas será a nossa vida, aquela que julgamos real, verdadeira, seremos nós mais que pequenas rodas dentadas de uma grande máquina, em suma, teremos livre-arbítrio? A ciência dá-nos diariamente evidências de que poderemos viver num Universo determinista, e de que nem nós escapamos às leis da natureza. Mas, para mim, dos argumentos apresentados contra o livre-arbítrio, um dos mais fortes é o facto de termos a sensação de que somos livres, de deliberarmos e sentirmos que nós tomamos de facto as nossas próprias decisões, o intuicionismo não deve ser marginalizado nas discussões filosóficas, e creio que o determinismo não seja de todo incompatível com o determinismo, sendo possível termos alguma liberdade num Universo determinista. Ou seremos assim tão arrogantes para pensarmos que qualquer ação que tomemos, que eu virar a cabeça agora ou endireitar as costas, altera a ordem e perfeição universal? Todavia, mesmo que adotemos o determinismo radical, tal não

significa que não deveríamos continuar a manter a ilusão de que temos livre-arbítrio, porque só ao possuímos livre-arbítrio, ou ao acreditarmos o temos, poderá haver responsabilidade moral, que é um dos elementos cruciais para sermos humanos, não exatamente no sentido biológico da palavra, mas no sentido em que a responsabilidade moral permite-nos dar o nosso melhor, fazer o moralmente correto e vivermos em sociedade, por vezes mais harmoniosamente do que outras, mas com um respeito geral pelos outros e pela dignidade das pessoas.

Para concluir, concordo com Nozick que seria uma péssima ideia ligarmo-nos à máquina de experiências, pois tal implicaria renunciarmos ao livre-arbítrio, esvaziarmos a nossa vida e a dos outros de sentido e a réstia de humanidade que há em nós desapareceria. Ter a sensação de fazer algo não é sinónimo de fazer algo, e a autorrealização e a contribuição para a sociedade são insuperavelmente mais valiosas do que uma vida de prazer contínuo, mas sem viver realmente. Ligarmo-nos à máquina das experiências nem é equiparável a suicídio, é pior que isso, porque é desistirmos de uma vida real, de sonhos, projetos e significado por uma promessa de felicidade que não é verdadeira. Parafraseando uma ideia que Antoine de Saint-Exupéry escreveu em *A Cidadeela*, a vitória só é vitória quando é paisagem entrevista pelas montanhas, uma vez alcançada, deixa de ser vitória. Alguma dor e sofrimento fazem parte da vida, devemos ser resilientes o suficiente para ultrapassarmos os obstáculos que a vida nos coloca e aceitarmos o desafio da vida, indo, por vezes, por um caminho mais difícil, mas mais recompensador em termos de autorrealização, liberdade e de contribuição para a prosperidade da Humanidade.